

COMPOSICIONALIDADE EM ESTRUTURAS DE EVENTO DO LATIM: ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE AS PREPOSIÇÕES INCORPORADAS COMO PREFIXOS

COMPOSITIONALITY IN LATIN EVENT STRUCTURES: SOME OBSERVATIONS ON PREPOSITIONS INCORPORATED AS PREFIXES

Maycon Silva Aguiar¹

Alessandro Boechat de Medeiros²

RESUMO

Em Aguiar (2018), a partir de um levantamento de predicados do latim em que há incorporação de preposições como prefixos, apontou-se que essas preposições, que encabeçam expressões espaciais, selecionam os argumentos das estruturas. Neste artigo, retornamos a essa proposta de codificação e buscamos expandi-la, considerando, em seu decorrer, a proposta de Acedo-Matellán (2016). Propomos que os predicados do latim cujos verbos são compostos por raiz e por preposição incorporada como prefixo são composicionais; e que tais preposições contribuam com seu significado regular, encontrado em outros contextos.

PALAVRAS-CHAVE: estruturas de evento; expressões espaciais; Place; Path; latim.

ABSTRACT

In Aguiar (2018), from a corpus of Latin predicates in which there is incorporation of prepositions as prefixes, it was pointed out that these prepositions, which head spatial expressions, select the arguments of the analyzed structures. In this article, we return to this analysis and seek to expand it, taking into consideration the proposals found in Acedo-Matellán (2016). Here we argue that, in Latin, the predicates whose verbs are composed of a root and a preposition incorporated as a prefix have a compositional semantics; and that such prepositions contribute to its regular meaning, found in other contexts.

KEYWORDS: event structures; spatial expressions; Place; Path; Latin.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: mayconsilvaaguiar@gmail.com

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: alboechat@letras.ufrj.br

Introdução

Trataremos, neste trabalho, de predicados do latim cujos verbos são compostos por raiz e por preposição incorporada e, para tanto, baseamo-nos em parte das discussões de Aguiar (2018) e de Acedo-Matellán (2016). Desenvolvemos, em especial, a ideia de que esses predicados são formados por uma eventualidade locativa principal em cuja projeção se estabelecem relações entre os elementos que serão interpretados como figura e como fundo. Dois aspectos da relação da figura e do fundo das estruturas com as próprias estruturas têm importância fundamental para a proposta: (a) o de que, pelo menos no estágio inicial da derivação, a figura será um constituinte da região do complemento do morfema verbalizador; e (b) o de que o fundo será o complemento mais baixo da estrutura, selecionado por Place (e, portanto, temos dois argumentos internos ao vP). Ao mesmo tempo, concebemos preposições como raízes e assumimos que modificarão, adverbialmente, ou o núcleo Place ou o núcleo Path, sendo esses dois núcleos os responsáveis diretos pela introdução de subeventualidades nas estruturas de eventos associadas aos verbos derivados. Nossa atenção recai, principalmente, sobre questões semânticas envolvidas com a composicionalidade de forma final do verbo; e menos sobre questões morfológicas (por exemplo, o motivo pelo qual há alçamento morfológico e incorporação da preposição). Pretendemos mostrar, com nosso trabalho, algumas vantagens de uma abordagem que concebe a derivação de “palavras” na sintaxe, por meios sintáticos, como é o caso do arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), que adotamos neste trabalho.

Frisamos três características de nossa proposta. A primeira característica está relacionada à interpretação da eventualidade adicionada por Place à estrutura: como Acedo-Matellán (2016) sugere ao tratar expressões espaciais e outros eventos de transição em conjunto, consideramos que existem casos em que Place introduz estados que podem ser lidos como alvos do evento evocado pelo verbalizador; em tais casos, Place se comportará como uma função ALVO de eventos em estados (portanto, os estados lidos como alvos provêm da função-Place). A segunda característica está relacionada à possibilidade de se identificarem eventos introduzidos por morfemas distintos da estrutura (MEDEIROS, a sair): adotaremos a ideia de que o evento introduzido pelo verbalizador poderá ser identificado ou com os eventos introduzidos pelas funções de deslocamento no espaço ou com as funções de estado, permitindo que essas funções recebam uma modificação adverbial feita pela raiz que se adjungir ao verbalizador; desse modo, a semântica enciclopédica das expressões espaciais poderá decorrer da qualidade da raiz anexada ao verbalizador. A terceira característica está relacionada à ontologia de Place, de Path e

das preposições: porquanto as noções semânticas de locação/estatividade e de transicionalidade sejam responsabilidade exclusiva dos núcleos Place e Path, não há restrição a qual núcleo da estrutura locativa as raízes das preposições podem modificar; portanto, as raízes das preposições poderão ser modificadoras ou do nó Place ou do nó Path.

Este artigo está dividido em três partes. Inicialmente, resenhamos a proposta de Pantcheva (2011), na qual a codificação de Aguiar (2018) se baseia amplamente. Comentamos, com algum grau de detalhamento, como essa abordagem concebe as expressões de deslocamento; como encara a composicionalidade existente entre expressões locativas e expressões dinâmicas; e como define a arquitetura de tais expressões, assumindo a projeção de Place como a mais básica (a rigor, está presente em todas expressões espaciais licenciadas pelo sistema) e cindindo a projeção de Path em um conjunto de cinco núcleos com propriedades semânticas específicas (Goal, Source, Route, Scale e Bound). Na sequência, verificamos como o trabalho de Aguiar (2018) se apropria da proposta de Pantcheva (2011) e avança sua codificação para predicados do latim em que há a incorporação de preposições como prefixos. Na segunda parte, resenhamos a proposta de Acedo-Matellán (2016), em torno da qual construímos parte de nossa própria proposta. Na terceira parte, apontamos que a caracterização das raízes como elementos sem propriedades seletivas e sem propriedades gramaticais, feita por Acedo-Matellán (2016), conflita com a anexação desses elementos à posição de complemento de Place em algumas estruturas. Na tentativa de chegar a um formato de estruturas que se livre dos problemas apontados em relação à proposta de Acedo-Matellán (2016), lançamos nossa própria proposta.

1. O trabalho de Aguiar (2018) e a proposta de Pantcheva (2011)

O trabalho de Aguiar (2018) foca na participação de expressões espaciais estativas e dinâmicas na construção de predicados do latim; e avança hipóteses para explicar por que as preposições que encabeçam tais expressões espaciais se incorporam ou diretamente ao verbalizador da estrutura ou à raiz que especifica a eventualidade introduzida por esse verbalizador. Os pressupostos que determinam o formato geral das estruturas são tomados da versão da Morfologia Distribuída encontrada em Marantz (2003, 2007, 2013), ao passo que as projeções das expressões espaciais são baseadas em Pantcheva (2011), embora apresentem modificações em relação a essa proposta. Antes de apresentar a codificação de Aguiar (2018), tocamos nos pontos mais importantes da proposta de Pantcheva (2011).

Pantcheva (2011) aposta em que a codificação de expressões espaciais se valha de uma multiplicação dos núcleos sintáticos envolvidos com as noções semânticas de locação e de transição no espaço³. Com base em estudos que cindem a projeção de preposições e que mapeiam as diferentes noções semânticas em núcleos sintáticos específicos (ZWARTS, 2008; SVENONIUS, 2010; DEN DIKKEN, 2010), a autora assume que locação, codificada diretamente em *Place*, é a noção semântica mais básica de uma expressão espacial; e especifica a contribuição semântica de *Path*, núcleo tradicionalmente associado à noção de transição no espaço⁴, a partir de sua divisão em um conjunto de cinco núcleos (*Goal*, *Source*, *Route*, *Scale* e *Bound*). Nessa configuração, as propriedades que tornam as expressões espaciais ou locativas ou transicionais estão presentes tanto nos morfemas que encabeçam suas projeções quanto nos nós sintáticos que os alojam.

Para mapear, na sintaxe, a ideia de que locação é a noção semântica mais básica de expressões espaciais, todas as expressões espaciais transicionais tomarão *Place* como complemento. Esse procedimento anuncia uma característica importante da proposta: a composicionalidade mais ou menos rígida entre as propriedades semânticas dos núcleos sintáticos. Na prática, resulta dessa característica que as noções semânticas relacionadas à transição espacial, as quais são propriedades codificadas diretamente nos nós sintáticos, hierarquizem-se e dependam umas das outras. A noção semântica transicional mais simples (simples, aqui, é um adjetivo que visa ao fato de que seja a projeção de uma expressão espacial transicional que apresente o menor número de núcleos que pertencem ao domínio de *Path*) é a de transição para um alvo, que é introduzida pela concatenação do nó *Goal* à projeção de *Place*, tomando-a como complemento

³ Notamos que essa multiplicação de núcleos sintáticos têm duas motivações principais: está ligada, por um lado, à afiliação da proposta à teoria nanossintática (STARKE, 2009), a qual tem como um de seus pressupostos o princípio do superconjunto (em oposição, por exemplo, à opção da Morfologia Distribuída pelo princípio do subconjunto (HALLE, 1997; ARREGI; NEVINS, 2012)); e, por outro, à afiliação da proposta ao programa cartográfico (CINQUE; RIZZI, 2010), e a sua leitura do princípio de uniformidade das categorias sintáticas (CHOMSKY, 2001). Enquanto a participação da teoria nanossintática na proposta de Pantcheva se faz mais presente na organização de suas estruturas (a mencionada multiplicação de núcleos sintáticos, a possibilidade de um único expoente fonológico realizar um complexo de núcleos sintáticos), a participação do programa cartográfico é mais patente em sua opção metodológica de investigar o maior número possível de línguas e de estabelecer uma estrutura sintática que descreva adequadamente todas as línguas observadas.

⁴ Referimo-nos à proposta de Jackendoff (1983), considerada clássica em relação ao tratamento de expressões espaciais. Essa proposta, que, inclusive, influencia a de Pantcheva (2011) em alguma medida (por exemplo, em sua decisão de assumir que a porção estativa/locativa das expressões espaciais está codificada no nó *Place*), assume que a estrutura de expressões espaciais é composta por dois núcleos, *Place* e *Path*, os quais, respectivamente, recebem as porções estática e dinâmica dessas expressões. Ambas as categorias funcionam como funções que se mapeiam em categorias ontológicas à medida em que suas posições argumentais são preenchidas, enquanto tais posições argumentais se saturam mediante a leitura da categoria mais alta dos elementos que são por elas subcategorizados. As preposições, que são os elementos que encabeçam as categorias *Place* e *Path* e que realizam suas funções, fazem restrições sobre a natureza conceitual de seus argumentos e, por isso, podem ser ambíguas quanto ao tipo de função em que se desdobrarão. Essas restrições definem a combinação entre preposições e complementos, de modo que cada função semântica carregará consigo especificações sobre o tipo de elemento que pode subcategorizar. Ao leitor interessado em se aprofundar na abordagem de Jackendoff (1983), a qual inclui, ainda, previsões próprias sobre a gramática e um desenho específico da arquitetura do sistema linguístico, recomendamos a leitura do trabalho original.

e induzindo à leitura do DP nela contido como fundo (alvo) de uma trajetória de deslocamento. A contribuição semântica de Goal é a de adicionar à estrutura a transição que permite que a projeção de Place seja lida como uma região que participa de uma trajetória de deslocamento. Alguns exemplos de trajetórias transicionais para o alvo estão em (1), e uma estrutura abstrata encabeçada por Goal está na figura 1.

(1) Goal paths (coinciais)

- a. O míssil seguiu para a Rússia.
- b. O lobo andou para o riacho.
- c. Pedro caminhou para a padaria.

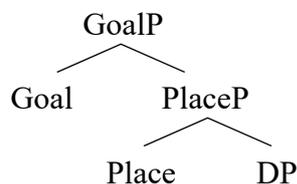


Figura 1: estrutura abstrata encabeçada por Goal

Sobre a projeção de Goal, com a concatenação do nó Source, constroem-se as trajetórias transicionais de uma fonte: ao contrário de Goal, Source não acrescenta uma transição na estrutura capaz de atribuir à região do fundo a leitura de fonte da trajetória; em vez disso, a contribuição semântica de Source é a de inverter a orientação da transição desencadeada por Goal, de modo que a interpretação que recai sobre a região do fundo passa, automaticamente, de fonte a alvo do movimento. Veja-se que a composicionalidade semântica determina o comportamento das peças do sistema: em troca de se hierarquizarem, de modo que expressões espaciais transicionais de fonte contenham, aberta ou encobertamente, as expressões espaciais transicionais para um alvo, não é necessário atribuir a Source a propriedade de transição. Alguns exemplos de trajetórias transicionais para o alvo estão em (2), e uma estrutura abstrata encabeçada por Goal está na figura 2.

(2) Source paths (cofinais)

- a. O menino saiu de casa.
- b. A bola caiu do armário.
- c. A jaca despencou do pé.

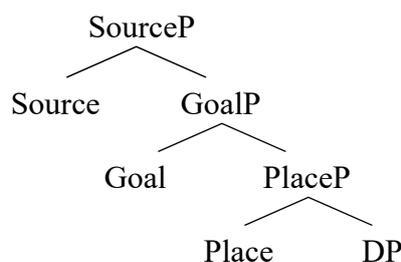


FIGURA 2: estrutura abstrata encabeçada por Source

Considerando que a composicionalidade semântica motive certa simplificação do sistema, não se deve perder de vista que sua assunção prevê uma consequência empírica que apresenta certo peso: a continência morfológica de morfemas que codificam expressões espaciais mais complexas em relação a morfemas que codificam expressões espaciais menos complexas. Ao observar o comportamento de expressões espaciais em um conjunto robusto de línguas, Pantcheva percebeu que não é incomum haver continência morfológica entre os morfemas que realizam os nós de sua proposta: à guisa de exemplo elencado em seu texto, citamos que, na língua tzes, falada em território russo, o morfema que encabeça a projeção de Place, *-xo*, está presente em expressões espaciais transicionais para um alvo, cuja marca é *-xor* (COMRIE; POLINSKY, 1998 *apud* PANTCHEVA, 2011: 20). A organização dos morfemas espaciais pode, ainda, ser vista pelo ângulo das línguas cuja realização dos núcleos sintáticos espaciais não é biunívoca (línguas em que não há um morfema específico para cada núcleo); em casos como esse, Pantcheva assume, sustentada pelos princípios teóricos da nanossintaxe (consulte-se a nota 3), que uma única peça morfológica realiza, simultaneamente, um conjunto de núcleos sintáticos, o que torna as estruturas sintáticas referentes a determinado tipo de noção semântica uniformes para todas as línguas, independentemente de haver ou não realização morfológica aberta das categorias em questão.

Retornando aos núcleos sintáticos, formam-se, com a concatenação do núcleo Route a Source, as expressões espaciais cujo fundo é lido como uma região percorrida pela figura, sem que estejam especificados seus pontos de partida e de chegada. A contribuição semântica de Route é semelhante à de Goal: a injeção de uma segunda transição na estrutura, que toma a contribuição semântica de Source, a de inversão da orientação da transição de Goal, e a submete a uma nova transição. A segunda transição na estrutura implica a seguinte interpretação para a figura e para o fundo: em primeiro lugar, a figura passará, sob a influência de Goal, de uma região não especificada, a da fonte, para a região do fundo, lida como alvo da trajetória; em seguida, sob a influência de Source, a figura é induzida da região do fundo, lida como fonte da

trajetória, para uma região não especificada; em terceiro lugar, sob a influência de *Route*, a contribuição semântica de *Source* é lida como o ponto medial da segunda transição da estrutura, determinando que a interpretação final da trajetória da figura parta de uma região não especificada e termine em outra região não especificada. Como ambos os pontos extremos do movimento não são determinados, a região do fundo é lida como um ponto ocupado pela figura em um determinado momento de sua trajetória. Alguns exemplos de trajetórias transicionais transitivas estão em (3), e uma estrutura abstrata encabeçada por *Route* está na figura 3.

(3) *Route paths* (translativo)

- a. O carro passou pelo fórum.
- b. Água vazou pelo telhado.
- c. Lágrimas escorreram pelas bochechas.

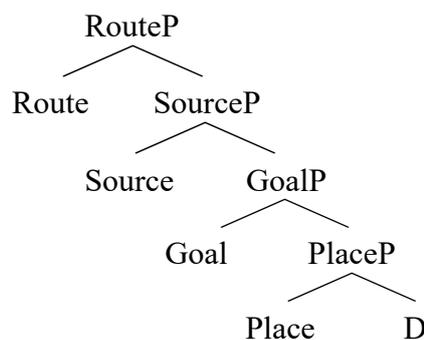


FIGURA 3: estrutura abstrata de um *RouteP*

Dois outros núcleos podem estar presentes em expressões espaciais, de acordo com Pancheva (2011); diferentemente dos demais núcleos, *Scale* e *Bound* promovem seleções semânticas menos rigorosas e podem concatenar-se a projeções de núcleos diferentes. Para se concatenar a uma estrutura, *Scale* depende de que a estrutura seja transicional; ao tomá-la como complemento, sua contribuição semântica é a de anular essa transicionalidade. São candidatos à concatenação de *Scale* os núcleos *Goal*, *Source* e *Route*: se a concatenação for a *Goal*, cria-se uma expressão espacial cuja trajetória se direciona à região do fundo, lida como alvo, mas que não se consuma (a figura não chega a adentrar a região do fundo, como é típico das expressões espaciais encabeçadas por *Goal*); se a concatenação for a *Source*, cria-se uma expressão espacial cuja trajetória parte de uma região próxima à do fundo, embora a região do fundo nunca tenha sido ocupada pela figura; se a concatenação for a *Route*, cria-se uma expressão espacial cujos pontos extremos estão contidos na região do fundo, de maneira que a trajetória em si está

circunscrita a essa região. Alguns exemplos de trajetórias encabeçadas por Scale estão em (4), em (5) e em (6); suas respectivas estruturas abstratas estão nas figuras 4, 5 e 6.

(4) Goal paths não transicionais (aproximativos)

- a. O gado foi em direção à cerca.
- b. João acelerou em direção ao circo.
- c. Joguei o bolo em direção à pia.

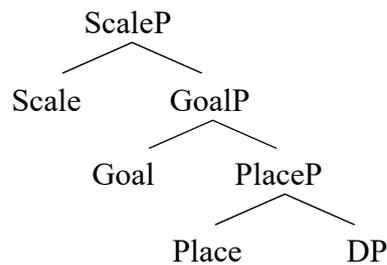


FIGURA 4: estrutura abstrata de um ScaleP que toma GoalP como complemento

(5) Source paths não transicionais (recessivos)

- a. Viemos da direção da rua.
- b. Pablo veio da direção da praia.
- c. Corremos da direção do teatro.

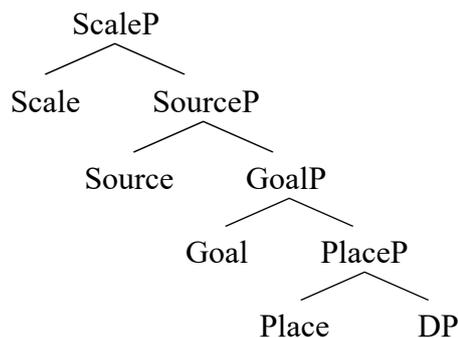


FIGURA 5: estrutura abstrata de um ScaleP que toma SourceP como complemento

(6) Route paths não transicionais (prolativos)

- a. As abelhas voam pelo jardim.
- b. As crianças correm pela casa.
- c. Conhecidos meus viajam pelo país.

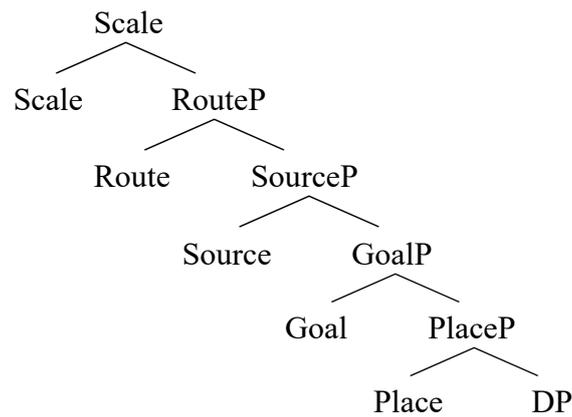


FIGURA 6: estrutura de um ScaleP que toma RouteP como complemento

Por sua vez, para se concatenar a uma estrutura, Bound depende de que a estrutura seja tanto transicional quanto orientada; ao tomá-la como complemento, sua contribuição semântica é a de delimitar o movimento à região do fundo. São candidatos à concatenação de Bound apenas os núcleos Goal e Source (Route é bitransicional, mas não é orientado): se a concatenação for a Goal, cria-se uma expressão espacial que é delimitada pelo alvo (ao adentrar a região do fundo, a trajetória de movimento da figura cessa imediatamente); se a concatenação for a Source, cria-se uma expressão espacial que é delimitada pela fonte (enquanto permanece na região da fonte, a figura está em repouso; o movimento se inicia a partir da saída da figura da região do fundo). Alguns exemplos de trajetórias encabeçadas por Bound estão em (7) e em (8); suas respectivas estruturas abstratas estão nas figuras 7 e 8.

(7) Goal paths delimitados (terminativos)

- a. Os cachorros foram até o parque.
- b. A bolha flutuou até o teto.
- c. A mulher deslizou até a porta.

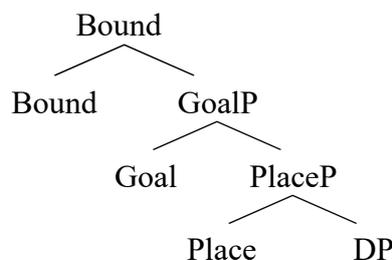


FIGURA 7: estrutura abstrata de um BoundP que toma GoalP como complemento

(8) Source paths delimitados (egressivos)

- a. A moto saiu da garagem.
- b. Ricardo partiu da cidade.
- c. O sapo salta desde o lago.

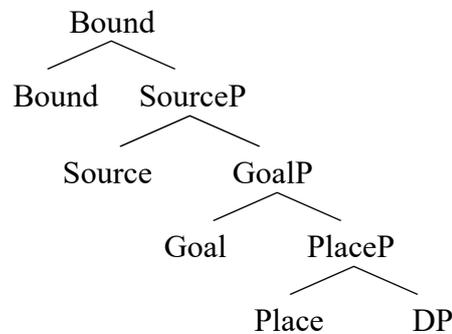


FIGURA 8: estrutura abstrata de um BoundP que toma SourceP como complemento

A proposta de Pantcheva (2011) é aplicada à codificação de Aguiar (2018) com algumas modificações que merecem ser comentadas. Na medida em que Pantcheva (2011) invista em núcleos sintáticos cuja contribuição semântica independa dos morfemas que nele se alojarão, Aguiar (2018) reconhece que, em alguma medida, a concatenação de um morfema ao núcleo repercute sobre a interpretação de toda a expressão espacial. Vimos, até aqui, que qualquer núcleo da proposta de Pantcheva (2011) introduzirá a mesma contribuição semântica em todas as estruturas, enquanto o morfema que o realiza cumpre somente a função de lhe adicionar substância fonológica. Para Aguiar (2018), as propriedades semânticas das expressões espaciais se devem, em parte, aos núcleos sintáticos e, também em parte, ao tipo de morfema que se concatena a tais núcleos; nesse sentido, como o trabalho se baseia em evidências do latim, defende-se, aceitando, a favor do que estipula Marantz (2007) a respeito dos elementos que podem predicar em uma estrutura sintática, que as preposições modificam os núcleos em que se alojam (em última instância, mesmo que isso não seja desenvolvido com profundidade, preposições funcionam como raízes). Caso a posição de Aguiar (2018) seja radicalizada, como pretendemos fazer neste trabalho, é possível abandonar a arquitetura de Pantcheva (2011) e, ao mesmo tempo, manter suas observações sobre as propriedades semânticas das expressões espaciais: a saída, como discutiremos adiante, está em retornar aos núcleos Place e Path (JACKENDOFF, 1983; confira-se a nota de rodapé 4); em lhes atribuir, nessa ordem, a capacidade de introduzir expressões locativas e expressões transicionais; e em justificar a emergência de todas

as noções semânticas identificáveis nas expressões espaciais por meio da capacidade das preposições de funcionar como elementos modificadores.

Com base em um levantamento de ocorrências na *Oratio Prima* das *Orationes in Catilinam*, de Marco Túlio Cícero, Aguiar (2018) chega a três tipos de predicados dos quais as expressões espaciais participam: (i) predicados estativos; (ii) predicados dinâmicos e incoativos; e (iii) predicados dinâmicos e de atividade. Não abordaremos os detalhes de cada tipo de predicado por uma questão de pertinência aos objetivos deste artigo, mas nos deteremos, a partir do exemplo em (9), em verificar o procedimento por detrás de sua codificação; a estrutura de (9) está na figura 9.

- (9) ab-ire in aliqu-as terr-as
 PREP-partir.INF PREP INDEF-AC.FEM.PL terra-AC.FEM.PL
 ‘Partir para outras terras’

[*Catil.*, I, 20]

(AGUIAR, 2018: 130)

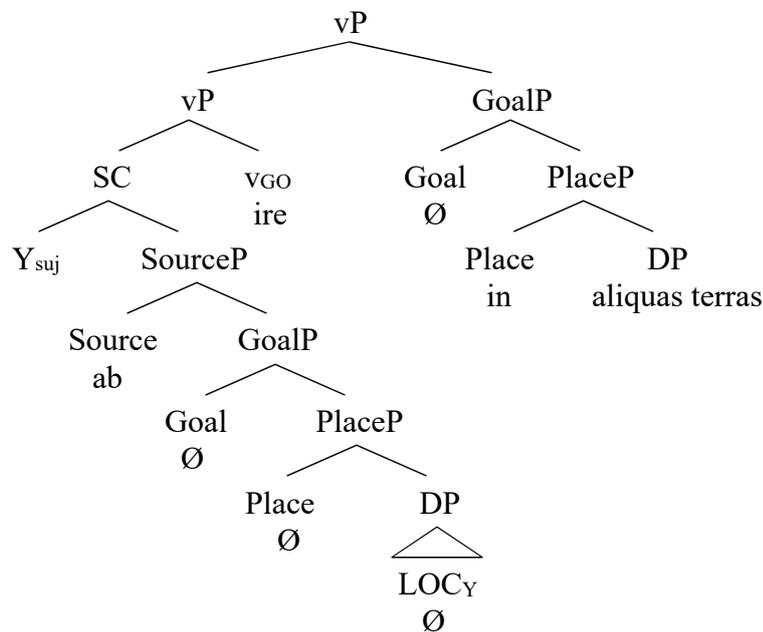


FIGURA 9 (retirada de Aguiar (2018: 130): derivação da sentença *abire in aliquas terras*

A preposição *ab* encabeça uma das expressões espaciais presentes no predicado (9); o que a difere da expressão espacial encabeçada por *in* é seu movimento de sua posição de base

e sua consequente incorporação ao verbalizador da estrutura. Aguiar (2018) entende que a incorporação é possível devido à presença da preposição na parte da estrutura sintática que é complemento do núcleo verbalizador: a relação de predicação entre a projeção encabeçada pela preposição e o DP que se deslocará para [Spec, TP], o qual é lido como a figura da projeção da preposição. Em (1), ao se concatenar ao núcleo Source, *ab*, que na proposta teria uma semântica básica de *inversão*, tem propriedades compatíveis com tal núcleo, e inclui obrigatoriamente um ponto de partida, codificado no DP complemento de Place, e indica que a trajetória prossegue para longe do ponto de partida, sendo compatível com a inclusão do alvo adjunto ao predicado. Assumir que *ab* injete um sabor especial de inversão a licença tanto no ambiente de Path quanto no ambiente de Place, o que segue ao encontro do que apontam as evidências recolhidas: contra o que postula Pantcheva (2011), um mesmo morfema pode ser compatível com contextos locativos e transicionais, o que parece ser mais favorável à função modificadora das preposições do que à visão de Pantcheva.

A codificação de Aguiar (2018) avança, em alguns pontos, em relação à proposta de Pantcheva (2011), mas não chega a uma justificativa satisfatória para manter sua utilização, quando, claramente, têm, à vista, argumentos para não o fazer. Pensando, mais uma vez, na capacidade das preposições de modificar nos núcleos em que são inseridas, surge a conclusão de que, em último caso, quase todas as propriedades semânticas atribuídas aos núcleos sintáticos por Pantcheva podem ser delegadas às próprias preposições; decorre disso, naturalmente, que a quantidade de núcleos sintáticos necessários à codificação de Aguiar (2018) é menor do que a quantidade assumida. Em consequência disso, inúmeros zeros morfológicos são vistos na estrutura, como forma de saturar a necessidade dos núcleos de serem realizados⁵.

2. A proposta de Acedo-Matellán (2016)

Acedo-Matellán (2016) investiga a estrutura morfossintática de *eventos de transição*, rótulo sob o qual inclui tanto transições compreendidas no âmbito das expressões espaciais quanto transições (mudanças) de estado atribuídas aos argumentos arrolados nas estruturas de argumentos/de eventos. Desse realinhamento da compreensão do que sejam *eventos de transição*, resultam características importantes do tratamento dos predicados. Ressaltamos, de início,

⁵ Esta é, a nosso ver, a maior crítica a ser feita sobre o trabalho de Aguiar (2018): por mais que sua codificação reflita os pressupostos tomados da Morfologia Distribuída, é contraditório que se pautem, ao mesmo tempo, na abordagem de Pantcheva; entre ambas as teorias, há uma lacuna sobre a qual o trabalho nada afirma.

que as propriedades semânticas adicionadas a uma estrutura sintática pela concatenação dos nós Place e Path deixam de estar, como queria Pantcheva (2011), implicadas com uma noção espacial de modo necessário⁶; em vez disso, ambos os núcleos passam a funcionar como introdutores de subeventualidades que se especializam em tipos de transição mais e menos genéricos⁷. Em segundo lugar, apontamos que a reconfiguração da participação de Place e de Path nas estruturas é atravessada pela premissa de que a interpretação semântica do verbalizador é sensível à sua presença. Isso significa, por um viés, que o alossema associado ao verbalizador é, em parte, determinado pela presença de Place e de Path (por exemplo, o verbalizador é valorado como estativo nos casos em que está concatenado diretamente a Place); e, por outro viés, como consequência da premissa anterior, que um único verbalizador precisa ser postulado para que emerjam todos os tipos de eventos de transição, visto que o alossema correspondente ao verbalizador em cada uma das estruturas possíveis é definido contextualmente.

Como contraparte empírica, a abordagem leva em consideração a discussão sobre eventos de mudança de Talmy (2000), que estratifica as línguas, a partir de como codificam os eventos de transição sintaticamente, em *verb-framed* e em *satellite-framed*. Considerando que a teoria de Talmy (2000) descenda de um quadro teórico baseado no uso, suas previsões são convertidas em termos da teoria de estrutura de argumentos/de eventos desenvolvida por Acedo-Matellán, sobre a qual comentaremos mais adiante: a distinção entre línguas dos tipos *verb-framed* e *satellite-framed* resultaria de como o núcleo que codifica a transição no ambiente de vP-Path recebe seu expoente fonológico durante o processo de inserção de vocabulário. Em línguas do tipo *verb-framed*, o paradigma de expoentes fonológicos do núcleo Path é defectivo, de maneira que não existe um expoente — nem mesmo o zero fonológico — para os casos em que os núcleos Path e v não são adjacentes. Se a configuração sintática respeitar a essa condição de adjacência, não haverá material interveniente entre Path e v, que serão realizados por um morfe *portmanteau*, conforme se pode verificar no exemplo (10). Em línguas do tipo *satellite-framed*, o paradigma de expoentes fonológicos de Path não é defectivo, o que revoga a necessidade de haver adjacência entre Path e v para que a inserção vocabular ocorra; nessas línguas, Path e v serão lexicalizados por elementos independentes entre si.

⁶ Temos em mente que, para a abordagem de Pantcheva (2011), os sintagmas preposicionais interessam na medida em que introduzam expressões espaciais. Esse não é o caso do trabalho de Acedo-Matellán (2016): sua atenção recai sobre predicados em cuja interpretação se notam transições, o que, por um ajuste de definições, refere-se, também, a predicados que contêm expressões espaciais.

⁷ Para que sejamos fiéis àquilo que é estabelecido pelo autor, lembramos que o nó Place, por si só, está presente em contextos estritamente locativos/estativos.

(10) Derivação do predicado catalão *En Joan eixí* (Joan went out, em inglês; Joan saiu, em português)

a. Estrutura entregue pela sintaxe

$[_{VP} v [_{PathP} Path [_{PlaceP} [_{Place} Place EIX]]]]]$

b. Estrutura resultante da operação de alçamento de Path para v

$[_v [_{Path} [_{Place} EIX Place] Path] v]$

c. Estrutura resultante da operação de linearização

eix-Place-Path-v

d. Inserção de vocabulário

eix-Ø-Ø-Ø

(ACEDO-MATELLÁN, 2016: 78)

No exemplo (10), temos, passo a passo, com base em um exemplo do catalão, as diferentes posições de Path no arranjo sintático em função das etapas da derivação. Em (10a), está a estrutura resultante das operações sintáticas, *input* das operações morfofonológicas; note-se que a forma *eix* é complemento da projeção de Place, enquanto a projeção de Path é complemento de v. Em (10b), vê-se a aplicação da operação morfológica de alçamento de Path para v⁸, em cujos termos se estabelece a inserção da peça de vocabulário referente ao núcleo Path; o acionamento dessa operação resulta em um núcleo complexo formado por Place, por Path e por v. Após a operação de linearização, de acordo com o que se observa em (10c), a condição de adjacência à esquerda entre os núcleos Path e v é respeitada, e a inserção de vocabulário pode acontecer, tal como está representado em (10d).

Acedo-Matellán verifica que as línguas do tipo *satellite-framed* correspondem a dois subtipos: a *strong satellite-framed* e a *weak satellite-framed*. Em línguas do tipo *strong satellite-framed*, conforme se pode verificar no exemplo (11), Path e v são lexicalizados por expoentes fonológicos diferentes, não mantêm entre si uma unidade morfológica (para utilizar um termo corrente e ilustrativo da literatura, Path e v formam “palavras” independentes) e permitem construções adjetivais resultativas; esse é o caso do inglês. Ao contrário, conforme se pode

⁸ A operação de alçamento de Path para v faz parte do conjunto de recursos teóricos que Acedo-Matellán utiliza para descrever os predicados transicionais do latim. Sua postulação tem a função de justificar como e por que se implementa a condição de adjacência de Path e de v em línguas do tipo *verb-framed*, condição sem a qual nenhum expoente fonológico pode ser associado ao núcleo Path, impedindo a derivação de convergir em PF.

verificar no exemplo (12), em línguas do tipo *weak satellite-framed*, Path e v são lexicalizados por expoentes diferentes, mas formam uma unidade morfológica (são, vulgarmente, uma única “palavra”) e não permitem construções adjetivais resultativas; esse é o caso do latim.

(11) Derivação do predicado inglês *She hammered the metal flat* (em português, *Ela martelou o metal até que ficasse plano*)

a. Estrutura entregue pela sintaxe

[VoiceP [Voice' Voice [vP [v V HAMMER] [PathP [Path' Path [PlaceP [Place' Place FLAT]]]]]]]]

b. Estrutura resultante da operação de alçamento de Path para v

[v HAMMER v] [Path [Place FLAT Place] Path]]

c. Estrutura resultante da operação de linearização

HAMMER-v > FLAT-Place-Path

d. Inserção de vocabulário

hammer-Ø > flat-Ø-Ø

(ACEDO-MATELLÁN, 2016: 207)

(13) Derivação do predicado do latim *Serpentes ova solida hauriunt [...] atque putamina ex-tussiunt* (*Snakes swallow the eggs whole and expel the shell through coughing*, em inglês; *As cobras engolem os ovos e expelem as conchas tossindo*, em português)⁹

a. Estrutura entregue pelas operações sintáticas

[VoiceP [Voice' Voice [vP [v V TUSS] [PathP [Path' Path [PlaceP [Place' Place EX]]]]]]]]

b. Estrutura resultante da operação de alçamento de Path para v

[v [Path [Place EX Place] Path] [v TUSS v]]

c. Estrutura resultante da operação de linearização

EX-Place-Path-TUSS-v

d. Inserção de vocabulário

ex-Ø-Ø-tuss-Ø

(ACEDO-MATELLÁN, 2016: 208)

A língua inglesa, representada pelo predicado (11), exemplifica as línguas do tipo *strong satellite-framed*. A principal diferença entre esse predicado e aquele contido em (10) está nas etapas (11b) e (11c): após a aplicação das operações morfológicas, chega-se a uma estrutura em

⁹ Esse exemplo foi retirado, por Acedo-Matellán, do centésimo nonagésimo sétimo parágrafo, situado no nonagésimo segundo capítulo do décimo volume de *Naturalis historiae*, de Plínio, o Velho.

que Path e v não dependem de estar adjacentes para que se proceda à inserção de vocabulário; em consequência disso, como se pode notar em (11d), Path e v são realizados por expoentes fonológicos distintos, mas mantêm entre si independência morfológica e, além disso, admitem construções adjetivais resultativas (perceba-se que (11) é uma construção adjetival resultativa). A língua latina, representada pelo predicado (12), exemplifica as línguas do tipo *weak satellite-framed*. Como no caso de (11), Path e v, em (12), não precisam estar adjacentes para que a inserção de um expoente no núcleo Path ocorra; no entanto, línguas do tipo do latim divergem de línguas do tipo do inglês em dois pontos: não admitem construções adjetivais complexas; e, mesmo que apresentem um expoente fonológico específico para Path, esse núcleo e v formam uma unidade morfológica.

O tratamento dos predicados de transição em termos da tipologia de Talmy (2000) não é justificado por Acedo-Matellán (2016). A leitura de seu texto nos permite saber como todos os elementos envolvidos nos predicados de transição se encaixam em sua proposta, mas não nos é oferecida uma razão, nem plausível nem implausível, de por que as estruturas dos predicados devem ser da maneira como são apresentadas. Apesar de submeter a teoria de Talmy (2000) a uma formalização rigorosa, Acedo-Matellán (2016) não avança mais do que esse autor em relação à capacidade explanatória de sua abordagem. Não obstante sua aplicação da teoria de Talmy (2000) a dados do latim e de outras línguas seja consistente e acomode bem as evidências empíricas, não se problematizam (a) os motivos com base nos quais se pode defender que essa tipologia é um fator de organização relevante para as línguas naturais; e (b) a generalização das projeções de Place de Path para transições que não são espaciais. Quando se observa o quadro geral da proposta, a ideia de que a distinção entre línguas *verb-framed*, *strong satellite-framed* e *weak satellite-framed* nos parece muito mais uma descrição complicada e abstrata do que uma explicação consistente para o comportamento dos predicados de transição nas línguas naturais.

O trabalho de Acedo-Matellán investe, ainda, em uma teoria de estrutura de argumentos/de eventos e em uma teoria de interface sintaxe-morfologia. A teoria de estrutura de argumentos/de eventos, delineada a partir dos trabalhos de Mateu (2002), de Borer (2005) e do aparato teórico da Morfologia Distribuída, sustenta a divisão das entidades da gramática em dois conjuntos: um conjunto de elementos que carrega conteúdos enciclopédicos e que se comporta como raízes (estarão incluídas, aí, as preposições); e um conjunto de elementos que determinarão a estrutura funcional das sentenças, de que emergirão suas interpretações semânticas estruturais. Assume-se que as propriedades de estrutura de argumentos/de eventos dependam,

exclusivamente, dos elementos do segundo conjunto; a partir desse modo de conceber a introdução de argumentos nas estruturas sintáticas, vê-se que raízes nem aplicarão restrições sobre os argumentos das estruturas (contra a ideia de Jackendoff (1983)) nem terão traços categoriais; e que os papéis temáticos/aspectuais dos argumentos serão epifenômenos de suas posições nos ambientes sintáticos.

A oposição entre raízes e morfemas funcionais, oriunda da assunção de que propriedades lexicais e propriedades sintáticas são manipuladas pelo mesmo mecanismo gerativo, está de acordo com os pressupostos de Mateu (2002), que classifica as entidades da gramática por serem ou não relacionais. Ser relacional, dessa perspectiva, equivale a poder projetar estrutura¹⁰. Se raízes não selecionam argumentos; e se raízes carregam conteúdos enciclopédicos, aceitar a definição de Mateu (2002) implica que estão, automaticamente, excluídas do conjunto de elementos relacionais. Na teoria de Acedo-Matellán, dois tipos de elementos relacionais são a base da construção de vPs: um morfema eventivo, *v*; e os núcleos adposicionais *Place* e *Path*. A interpretação semântica do morfema eventivo depende de suas propriedades configuracionais: *grosso modo*, pode negociar um sabor especial estativo nos contextos em que selecionar *Place* como complemento; e um sabor especial transicional (dinâmico) nos contextos em que selecionar *Path* como complemento. O morfema *Place* introduzirá uma predicação entre duas entidades, predicação essa que será lida como a negociação de uma eventualidade estativa, enquanto o morfema *Path*, alojado sobre *Place*, introduzirá uma transição que desencadeará uma leitura télica do predicado resultante. A tipologia de predicados se completa com a concatenação, sobre vP, de um terceiro tipo de elemento relacional, o morfema *Voice* (KRATZER, 1996), capaz de introduzir um argumento externo na estrutura.

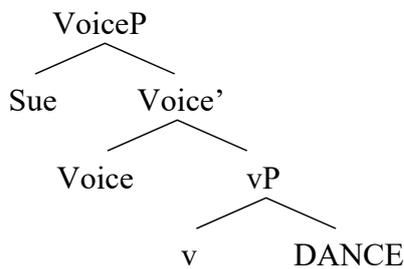
Elementos não relacionais são, igualmente, de dois tipos, raízes e DPs. Raízes não apresentam categorias intrínsecas (recebem rótulos mediante seu encaixamento sintático) e, como não selecionam argumentos, não originam nenhum tipo de objeto sintático da ordem de um *RootP*, por exemplo. DPs são constituintes complexos que se forjam a partir de raízes (ou de elementos que funcionam como raízes) e podem ser expandidos por adjuntos, possibilidade que não aprofunda a estrutura sintática dos DPs. A contribuição semântica das raízes é, para dizer o mínimo, pouco explorada; temos a impressão de que somente a semântica das raízes merece alguma discussão, por serem consideradas, talvez, as únicas relevantes para a constituição dos

¹⁰ Isso significa, para pôr a discussão em outros termos, que há uma oposição entre o que é traço da gramática universal e projeta estrutura; e o que é conhecimento de mundo e não projeta estrutura. Segue dessa divisão que a teoria rejeita a ideia de que itens lexicais projetam as estruturas sintáticas que os receberão.

predicados. De antemão, sabe-se que a questão de por que uma raiz ora se concatena a uma parte da estrutura e ora se concatena a outra parte não recebe um tratamento pormenorizado.

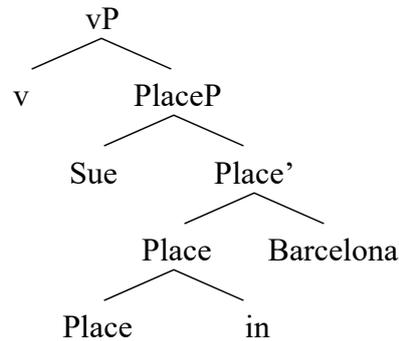
Na proposta de Acedo-Matellán (2016), raízes ocupam quatro posições nas estruturas dos eventos de transição: (i) a de modificador do verbalizador, como se vê na figura 10a; (ii) a de modificador de Place; como se vê na figura 10b; (iii) a de modificador de Path, como se vê na figura 10c; e a de (iv) complemento de Place, como se vê na figura 10d.

a. Sue danced.
'Sue dançou'



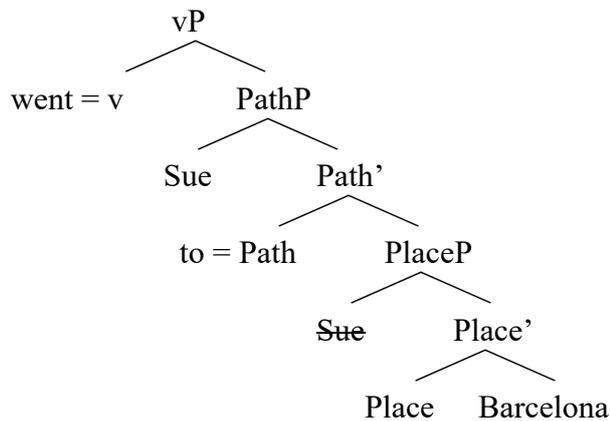
(ACEDO-MATTELÁN, 2016: 33)

b. Sue is in Barcelona.
'Sue está em Barcelona'



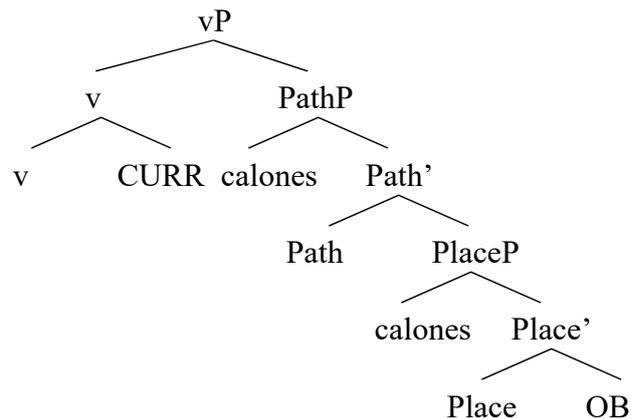
(ACEDO-MATTELÁN, 2016: 33)

c. Sue went to Barcelona.
'Sue chegou em Barlona'



(ACEDO-MATTELÁN, 2016: 34)

d. Ut [...] calones [...] etiam inermes armatis
occurent¹¹
'Que os servos dos soldados, apesar de desarmados,
correram contra os homens armados'



(ACEDO-MATTELÁN, 2016: 52)

FIGURA 10: a. raiz como modificadora do verbalizador; b. raiz como modificadora de Place; c. raiz como modificadora de Path; d. raiz como complemento de Place, como se vê na figura 10d.

¹¹ Esse exemplo foi retirado, por Acedo-Matellán, do parágrafo único do vigésimo sétimo capítulo do segundo volume de *Commentarii de bello Gallico*, de Júlio César.

A estrutura presente na figura 10a, que contém uma raiz na posição de modificador do verbalizador da estrutura, é idêntica à estrutura estabelecida por Marantz (2006, 2007) para as atividades monoeventivas: em tais estruturas, o verbalizador introduz uma eventualidade que será interpretada como um evento dinâmico; e a raiz, disposta como modificador de tal eventualidade, especifica de que tipo de atividade trata o predicado. Na estrutura em questão, pode-se frasar o predicado *dance* (*dançar*, em português) como uma atividade “dançante”. Observando essa estrutura à luz de um comentário feito acima sobre como emerge a contribuição semântica do verbalizador, entende-se que o sistema licencia a concatenação do verbalizador diretamente a um modificador, caso em que o predicado está impedido de conter uma transição. A anexação de Voice a vP cria um predicado com base na relação entre um argumento (agente), que realizará a atividade “dançante”, e o evento que consiste nessa atividade; para Kratzer (1996), uma operação semântica, *identificação de evento*, compara e identifica o evento introduzido por Voice com o evento introduzido pelo verbalizador.

A estrutura da figura 10b faz algumas previsões semelhantes àquela da figura 2, embora as implemente por meio de recursos diferentes. A preposição que encabeça a expressão espacial *in Barcelona* está representada como modificadora do núcleo Place: contrariamente ao que se observa na figura 9, a projeção de Place aparece duplicada, e a preposição está, visivelmente, adjunta a seu núcleo. A relação entre figura e fundo¹² da expressão espacial é, também, expressa por uma predicação; contudo, se, na figura 9, essa predicação é instrumentalizada por uma *small clause*, é, na figura 10b, representada, diretamente, no escopo de Place. Ao supor a existência de um RootP em cujo interior se estabeleceria a predicação entre a figura e o fundo do predicado, Aguiar (2018) criou uma quase objeção à própria suposição de que raízes não têm propriedades seletivas; ao mesmo tempo, a solução de Acedo-Matellán (2016) se dissocia do estatuto das raízes em sua proposta.

A estrutura da figura 10c se organiza como a da figura 10b, com a importante diferença de que a projeção de Path, responsável por codificar uma transição na estrutura, encima a projeção de Place, exclusivamente estativa. Conforme se pode verificar a partir dos elementos que realizam os especificadores de Place e de Path, a codificação da transição é feita em duas etapas: a camada de Place negocia a porção semântica estática da expressão espacial, em cujo interior

¹² Aguiar (2018) reinterpreta os termos *figura* e *fundo*: de entidades envolvidas em uma expressão de deslocamento, amplia sua definição para abarcar, nessa ordem, qualquer entidade cuja localização é negociada e qualquer região em relação à qual a localização de alguma entidade é negociada. Adotamos essa reinterpretação neste artigo.

se estabelece uma relação de predicação entre Place e seu especificador; e a camada de Path negocia a porção semântica transicional da expressão espacial, em cujo interior se estabelece uma relação de predicação entre Path e seu especificador, alçado da posição de especificador de Place¹³. A valoração do verbalizador como *went* (dinâmico e incoativo) transcorre de sua combinação com a projeção de Path, provavelmente porque, de acordo com a hipótese de Marantz (2013), tratar-se-ia de um elemento funcional, algo em cujo favor há os casos de alomorfia no paradigma dessa forma verbal. A partir desse exemplo, notamos que, na proposta de Acedo-Matellán (2016), ao contrário da de Aguiar (2018) e de outras propostas que lidam com estrutura de argumentos/de eventos, apenas um verbalizador é necessário para dar conta de todos tipos possíveis de predicados, uma vez que sua contribuição, como a de outros núcleos sintáticos, é definida no arranjo da estrutura sintática. Pressupor que o verbalizador se sujeita, igualmente, aos contextos sintáticos, em vez de ter sua contribuição semântica especificada desde o léxico estrito (não há VBE, VDO, VGO etc, mas há um único v sensível à combinação com os demais elementos do entorno sintático), leva às últimas consequências a ideia de que a emergência de significados se circunscreve em contextos sintáticos¹⁴.

A estrutura da figura 10d, em nossa perspectiva, contrasta com a forma geral da proposta de Acedo-Matellán (2016), na medida em que uma raiz é considerada lícita na posição de complemento de um núcleo do qual deveria ser um elemento modificador. Por ser aquela na qual nos determos com maior atenção, abordá-la-emos, em detalhes, na próxima seção.

3. Uma alternativa à proposta de Acedo-Matellán (2016)

Conscientes de que a relação de complementação seja, tipicamente, uma em que um núcleo qualquer seleciona, categorial ou semanticamente, algum objeto categorialmente rotulado, protestamos contra a ideia de que as raízes, se forem concebidas de acordo com concepções recentes defendidas dentro do quadro da Morfologia Distribuída (MARANTZ, 2013) e de outros arcabouços aparentados (cf. BORER, 2005), tornem-se complemento de algum núcleo. Defendemos que, se não são de um tipo semântico específico (considerando uma semântica

¹³ Considerando que a combinação de Place e de Path pode codificar tipos de transição para além daquela envolvida em deslocamentos espaciais, essa afirmação se relativiza a favor de expressões espaciais; desenvolver quais noções estão em xeque nesses outros tipos de transição é algo que se distancia dos objetivos deste trabalho.

¹⁴ Embora não cite estas referências, Acedo-Matellán parece aproveitar ideias discutidas por Marantz (2013) e por Wood e Marantz (2015), que defendem que mesmo núcleos funcionais (por exemplo, Voice e Appl) apresentam alossemas que são definidos a partir dos contextos sintáticos em que são inseridos.

vericondicional de tipos, como a que é proposta em Heim e Kratzer (1998)), raízes não podem ser selecionadas semanticamente¹⁵; e que, se não têm traços gramaticais, não podem ser selecionadas categorialmente. Caso sigamos, mais uma vez, aquilo que foi estabelecido por Acedo-Matellán e aceitemos que os papéis temáticos/aspectuais de um predicado sejam epifenômenos das posições ocupadas pelos DPs em sua estrutura, notamos que a raiz ocupa a posição que é reservada ao DP que é interpretado como o fundo da trajetória de transição (ou seja, ao DP que vier a ocupar a posição de complemento é atribuído, por *default*, o papel temático/aspectual de fundo, mas nem a raiz, que está nessa posição, pode “receber” esse papel, nem o DP que é compatível com esse papel pode ser representado na posição em que é “descarregado”, visto que essa posição já está ocupada pela raiz). Para resolver seu problema de representação, como se verifica no exemplo (13) e na figura 11, o DP lido como fundo pode, no máximo, ser representado como adjunto à projeção do verbalizador, e sua interpretação é garantida por uma espécie de coindexação com a projeção de Place.

- (13) ac repente omn-es in palatium cucurre-unt¹⁶
 CONJ ADV todos-NOM.PL PREP palácio-AC.NEU.SG correr-PERF.3PL
 ‘E, de repente, todos correram para dentro do palácio’

(ACEDO-MATELLÁN, 2016: 181)

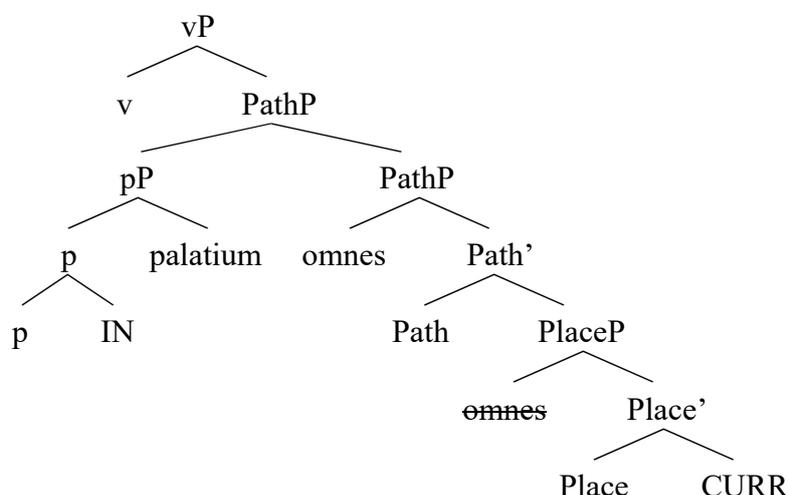


FIGURA 11 (retirada de Acedo-Matellán (2016: 186): derivação da sentença
ac repente omnes in palatium cucurrent

¹⁵ Note-se que as raízes podem ser associadas a tipos semânticos distintos a depender dos núcleos sintáticos com os quais se soldam. Por exemplo, a raiz √MARTEL, ao concatenar-se com v, cria uma função de eventos em valores de verdade (o verbo *martelar*, de tipo semântico <s,t>); já quando se combina com n, produz uma função de entidades em valores de verdade (o nome *martelo*, de tipo semântico <e,t>). Parece interessante, portanto, assumir que as raízes sozinhas não possuem um tipo semântico, e somente quando modificam núcleos categorizadores é que o constituinte resultante possui um tipo semântico específico.

¹⁶ Esse exemplo foi retirado, por Acedo-Matellán, do segundo parágrafo do oitavo capítulo de *Vita Othonis*, um dos volumes que compõe o *De vitis Caesarum*, de Suetônio.

A concatenação da raiz da preposição à posição de complemento Place é um obstáculo, também, à definição da contribuição semântica de Place. Se não houver nenhum elemento que modifique e especifique a contribuição semântica de Place (vejam-se, nas estruturas 10a, 10b e 10c que uma raiz de preposição está adjunta ao núcleo Place; algo semelhante acontece na figura 11 em relação ao núcleo da projeção em que o fundo do predicado é representado), entendemos que esse núcleo deveria ser equivalente a alguma espécie de noção semântica *default* (talvez, uma noção de locação/estatividade); contudo, essa expectativa não é abonada pela estrutura 10d, em que Place parece reproduzir a semântica da raiz de *ob*, tomada como seu complemento. Na medida em que sejam importantes para o estabelecimento da contribuição semântica dos nós, acreditamos que as raízes não possam ser incluídas, indistintamente, em quaisquer posições das estruturas sintáticas.

Como forma de superar a problemática que envolve a participação de raízes em posições que exigem elementos categorialmente rotulados, levaremos às últimas consequências a ideia de Acedo-Matellán (2016), também presente no trabalho de Aguiar (2018), de que preposições funcionam como raízes (na verdade, de que preposições são formadas por raízes) e modificam os núcleos com os quais se concatenariam em abordagens mais tradicionais (na de Pantcheva (2011), por exemplo). Assumiremos, ao mesmo tempo, que a contribuição de Place e de Path é estável em todas as estruturas: Place introduzirá um lugar ou uma eventualidade estativa; e Path introduzirá um deslocamento no espaço (em alguns casos, metafórico), sensível à projeção de Place tomada como complemento. Nesse arranjo, todas as noções semânticas observadas em expressões espaciais que se diferenciem, minimamente, das noções referidas anteriormente estarão a cargo da contribuição semântica das preposições.

Neste artigo, discutimos alguns exemplos de verbos compostos por raiz e por preposição incorporada como prefixo no latim. Nossa proposta principal é a de que essas estruturas são essencialmente composicionais, com a preposição incorporada como prefixo contribuindo com seu significado regular, que encontramos em outros contextos. Ater-nos-emos, muito mais, às questões semânticas relacionadas à composicionalidade da forma final do verbo do que a questões morfológicas (como, por exemplo, o motivo exato de haver a incorporação da preposição ao verbo; ou por que, às vezes, a preposição tornada prefixo se repete, como preposição, na posição em que toma o fundo).

em que torce, talvez, os braços ou as mãos do oponente, e abaixa o punhal em relação à posição original das mãos deste e o toma. Adotando um sistema de índices para representar as correferências; e usando *e* para indicar categorias vazias, temos a seguinte estrutura de constituintes simplificada:

[[Extorta est [ista sica]_i e_j] [e_i de [manibus]_j]]

A estrutura sintática completa seria a seguinte:

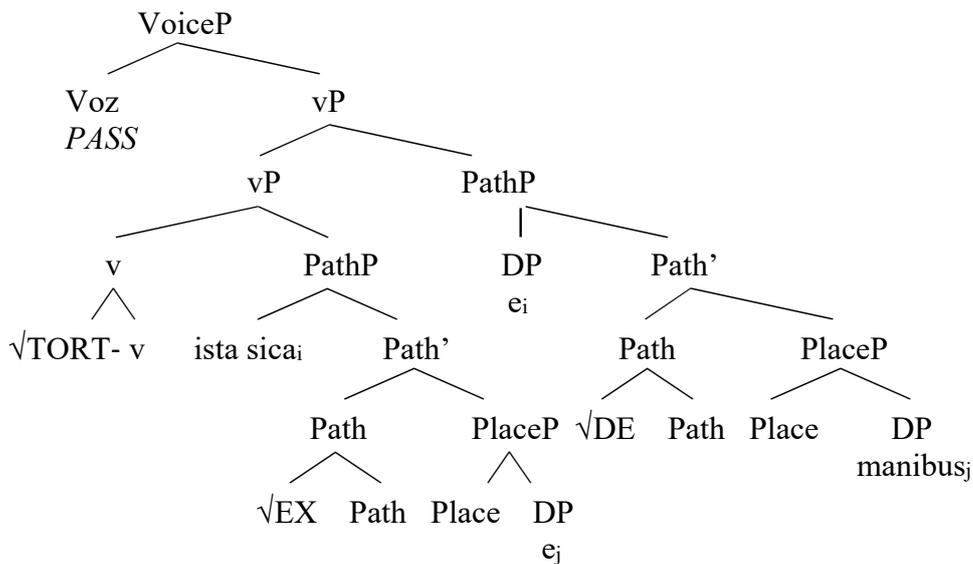


FIGURA 12: derivação da sentença *extorta est ista sica de manibus*

Na estrutura principal, que exclui o adjunto, Place sobe e adjunge-se ao núcleo Path; a estrutura complexa Path (que envolve a raiz \sqrt{EX}) se move para v, e a estrutura complexa v se move para Voice (que é passivo; por isso, *PASS* abaixo de Voice). Os arranjos dos morfemas serão tais que a preposição se torna um prefixo — será o primeiro elemento pronunciado na estrutura abaixo de Voice (confira-se Acedo-Matellán (2016) para se conhecer detalhes da proposta que adotaremos). Nossa ideia, aqui, é a de que PlaceP introduz um estado (associado a um lugar) ou um lugar simplesmente. Quando há um Path tomando PlaceP como complemento, PlaceP estativo passa a ser interpretado como um estado-alvo (PARSONS, 1990) de um evento de mudança de estado ou de posição (Acedo-Matellán (2016) mantém uma posição semelhante, ainda que não seja idêntica). As raízes das preposições especificam características especiais das regiões da origem e do alvo e suas trajetórias: por exemplo, \sqrt{EX} especifica que o deslocamento

da figura parte do interior da região definida pelo fundo e se afasta desta; já a raiz \sqrt{DE} específica, normalmente, que o ponto final do afastamento da figura, qualquer que seja este, está abaixo da região do fundo.

Na discussão a seguir, trataremos, com mais pormenor, de exemplos que envolvem verbos com incorporação das preposições *ab* e *ad*. Assumiremos (a) que os núcleos verbais *v* podem ter “sabores” (HARLEY, 2009, 2014) e que esses sabores serão definidos pelos elementos sintáticos do entorno, dentro de sua fase (MARANTZ, 2001; 2013); (b) que pode haver identificações entre eventos — por exemplo, entre o evento introduzido por um núcleo *Path* e o introduzido por um *v*; ou entre o evento introduzido por um núcleo *v* e um núcleo *Voice* (KRATZER, 1996); ou entre os eventos de deslocamento veiculados por um adjunto e pela estrutura predicacional original; (c) que as raízes de preposições podem modificar tanto núcleos *Path* quanto núcleos *Place*, de maneira que o que nos dirá se se trata de um caso ou de outro é o quanto conseguimos preservar do significado básico tanto de núcleos funcionais quanto das próprias raízes envolvidas; e (d) que, em alguns casos e para algumas preposições, desde que o objeto de *Place* não seja uma categoria vazia, cópias da preposição incorporada ao verbo podem ser pronunciadas em posições mais baixas, atribuindo seu caso morfológico esperado, por adjacência.

Sobre a preposição *ab* incorporada

Aqui, defenderemos (contrariamente a Aguiar (2018)) que a raiz da preposição *ab* é modificadora somente de *Place*, tanto na interpretação estativa (em que só há *Place*) quanto na interpretação dinâmica, em que também há *Path*. Um exemplo de leitura estativa pode ser visto no exemplo abaixo, em que a preposição é incorporada a uma cópula. A preposição *ab* introduzirá um estado, estado em que a figura está “afastada” do fundo. Em nossa proposta, o complemento da função *Place* (o nó sintático correspondente) será definido como fundo, e teremos um estado transitivo, em que um *y* (figura) *está afastado* de *x* (fundo). Essa estrutura é tomada por um *v* diretamente, sem outra raiz anexada a *v*. Suporemos que a semântica básica de *v* (se é um evento ou um estado; ou se é um evento durativo ou pontual; MARANTZ, 2013; MEDEIROS, a sair) será definida pelo ambiente sintático em que *v* ocorre. No exemplo abaixo, como o núcleo *Place* introduz um estado (que tem, obviamente, uma relação com uma localização), *v* será um estado (um v_{BE} , na terminologia de Harley em vários artigos) e será realizado pela cópula em latim — e, de fato, os dois estados, o denotado por *PlaceP* e o denotado por *v*, serão

identificados como um único estado. Vejamos o esquema a seguir, que explica melhor a ideia, para a frase *quae libido ab oculis afuit*.

- (15) qu-ae libid-o ab ocul-is [...]
INTERR-FEM.SG luxúria-NOM.FEM.SG PREP olho-ABL.MASC.PL
- a-fui-t
PREP-estar.ausente-3.SG.PERF

‘Qual torpeza te escapou aos olhos?’

[*Catil.*, I, 13]

(AGUIAR, 2018: 128)

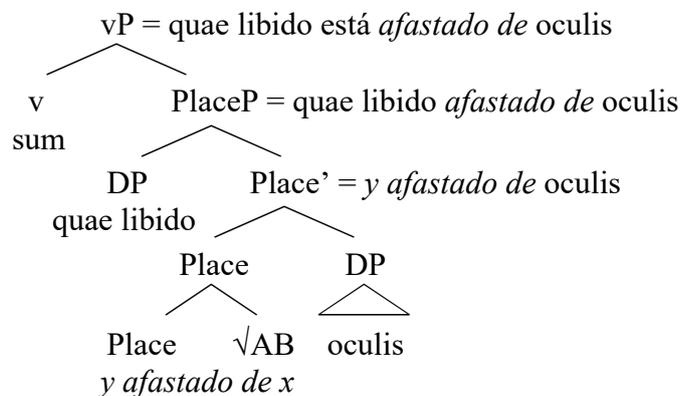


FIGURA 13: derivação da sentença *quae libido ab oculis [...] afuit*

Nessa estrutura, o complexo Place+AB sobe, incorpora-se a v e deixa uma cópia sua na posição original: portanto, Place+AB se junta a v, mas a cópia mais baixa de Place (modificada por AB) se mantém pronunciada como *ab*. Apesar de AB, como definimos aqui, ser um modificador de Place, é possível que uma estrutura locativa mais complexa, envolvendo também Path, ocorra com essa preposição. Para o exemplo *abire in aliquas terras*, propomos a seguinte estrutura.

- (16) ab-ire in aliqu-as terr-as
PREP-partir.INF PREP INDEF-AC.FEM.PL terra-AC.FEM.PL
- ‘Partir para outras terras’

[*Catil.*, I, 20]

(AGUIAR, 2018: 130)

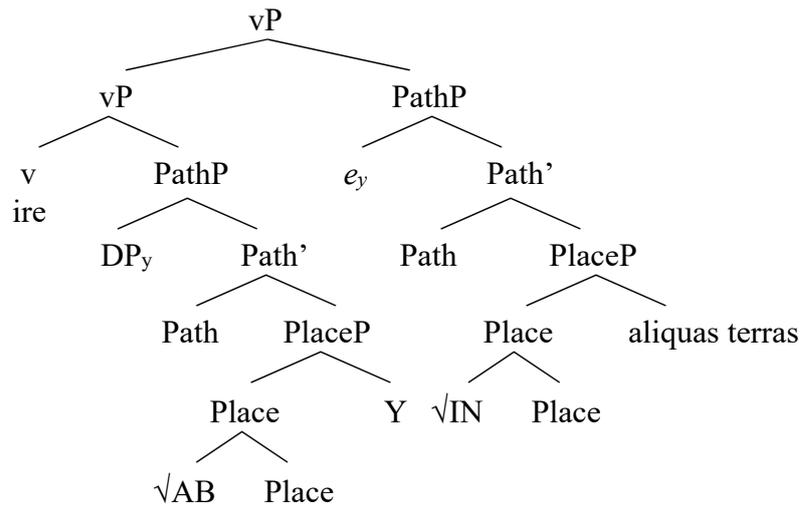


FIGURA 14: derivação da sentença *abire in aliquas terras*

A concatenação de Path acima de Place, tomando essa segunda projeção como complemento, interfere na emergência dos papéis temáticos/aspectuais na estrutura de evento: nesse contexto, Place é impedido de projetar um especificador, e a posição de especificador de Path passa a receber o elemento que será interpretado como a figura da trajetória de deslocamento. Com esse procedimento, evitamos um ponto da proposta de Acedo-Matellán (2016): conforme se nota nas estruturas dinâmicas da figura 10, um mesmo elemento recebe dois papéis temáticos/aspectuais, na medida em que seja concatenado, de início, à posição de especificador de Place, em que se torna a figura de uma relação estativa/locativa e, posteriormente, seja movido para a posição de especificador de Path, em que se torna a figura de uma relação transicional. Portanto, a anexação de Path a Place bloqueará a projeção de uma posição de especificador em Place e converterá o estado denotado por Place em um alvo de um deslocamento espacial, real ou metafórico.

No caso de *ab*, a combinação Path+Place introduz, ainda, a pressuposição de que a origem do movimento é o fundo ou uma região próxima ao fundo. Pela descrição de AB nas gramáticas latinas tradicionais, podemos pensar que existe uma região R (o fundo) e que *ab*, quando Path está presente, estabelece, como origem da trajetória, uma região R' que inclui propriamente R, mas que é quase coincidente com R¹⁷, e a figura estará, inicialmente, em algum

¹⁷ Ou seja, $R \subset R'$, mas, no contexto considerado, $R \cong R'$. Veja-se que, assim, a raiz \sqrt{AB} introduz tanto a ideia de transição na origem como define uma região específica de partida, que contém a região do fundo, mas recorta uma borda próxima à borda deste. Parece-nos que isso tudo tem muito mais relação com conhecimento de mundo do que conhecimento gramatical ou semântica puramente funcional, o que justifica a ideia de que as preposições tenham raízes.

lugar de R' (podendo estar, inclusive, em R). Isso significa que uma trajetória associada à preposição *ab* inicia-se em um local qualquer próximo ao fundo ou no próprio fundo e se afasta deste.

Especificamente no exemplo acima, uma região não pronunciada, Y, será um local de repouso ou origem permanente do referente do DP_y (um *pro* no exemplo), local esse que é conhecido dos interlocutores, mencionado previamente ou tendo uma associação forte com o sujeito da sentença neste exemplo — lugar de onde o referente do DP_y (do *pro*) provém, por exemplo. O resultado do evento é o de que o referente de *pro* termina “afastado” de Y. O adjunto ao vP, *in aliquas terras*, estabelece um alvo e uma trajetória paralela, temporalmente identificada com a primeira, envolvendo como tema do deslocamento o mesmo indivíduo, a referência de *pro*; esse alvo é *aliquas terras*. A categoria vazia *e*, assim, deve ser correferente com *pro*. A proposta de que há, além de Place, um Path no adjunto se deve ao fato de que o caso morfológico de *aliquas terras* é acusativo. A preposição *in* em latim somente atribui caso morfológico acusativo quando descreve deslocamento para o interior do fundo.

Para que o quadro fique completo, suponhamos que uma cópia mais baixa de *ab* seja pronunciada no caso de haver um complemento pronunciado para Place – e somente nesse caso. Vejamos, em mais detalhes, o cálculo do significado – que é composicional – para parte da estrutura que apresentamos acima.

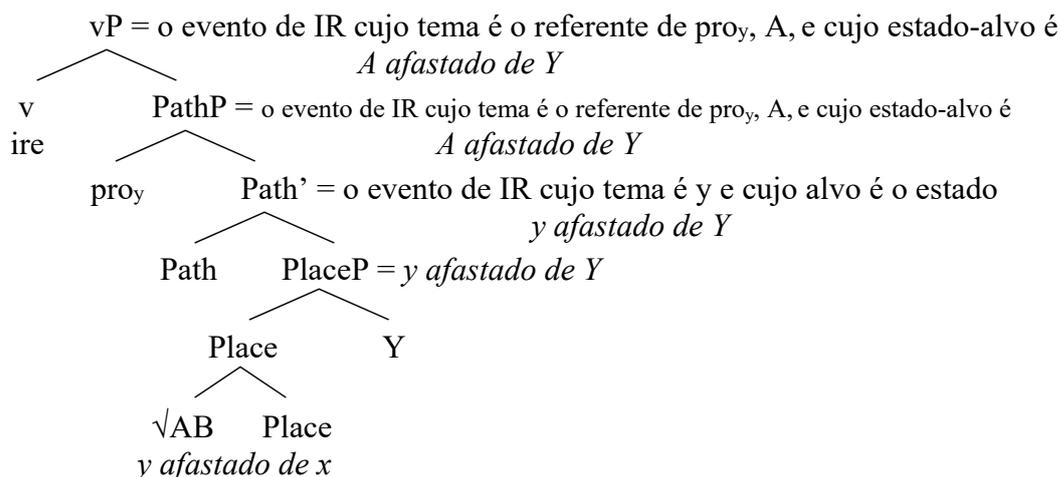


FIGURA 15: cálculo semântico da sentença *abire in aliquas terras*

A pressuposição que atravessa essa estrutura é a seguinte: dada uma região R que contém Y, o referente de pro_y , chamemo-lo A, está em R no início do deslocamento. Vê-se que, mais uma

vez, o evento veiculado por PathP é o mesmo que o veiculado por v (o verbinho funcional realizado pela peça de Vocabulário funcional *ire*¹⁸): por conta do ambiente sintático com que se combina, v ganha o sabor GO, e os dois eventos, o veiculado por PathP e o veiculado por v, são identificados. Para que a adjunção de uma estrutura de PathP seja possível, os eventos do PathP adjunto e do vP serão (pelo menos temporalmente) identificados, fazendo com que tenhamos um único evento de deslocamento no espaço, cujo ponto de partida está numa região dos arredores do ponto de permanência (ou no próprio ponto de permanência) do referente de *pro*; e cujo ponto de chegada é o interior de *aliquas terras*.

Em nosso *corpus*, ainda com *ab*, encontramos o seguinte exemplo, que envolve, mais uma vez, o abandono de uma cópia de *ab* em sua posição de origem.

- (17) id quod ab-horre-t a
 DEM.ACUS.NEU.SG REL.ACUS.NEU.SG PREP-mover-3.SG.PRES PREP
- me-is mor-ibus
 1.POSS.ABL.PL costume-ABL.MASC.PL

‘O que difere dos nossos costumes’

[*Catil.*, I, 20]

(AGUIAR, 2018: 132)

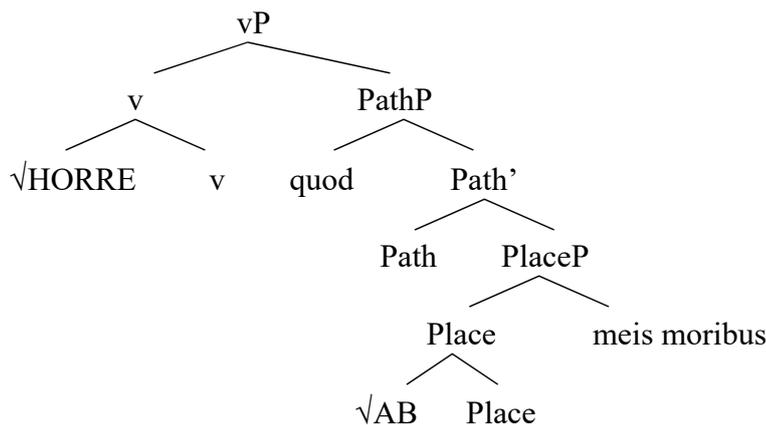


FIGURA 16: derivação da sentença *quod abhorret a meis moribus*

¹⁸ Para uma distinção entre peças de vocabulário funcionais e lexicais, ver Harley e Noyer (1999). Para a ideia de que verbos com alomorfa supletiva (como é o caso de verbos como *ir* ou *ser*) são itens funcionais (não têm raízes), ver, entre outros, Marantz (2013).

Essa frase pode ser traduzida como “o que difere dos nossos costumes”, mas um olhar mais detido sobre as peças que compõem a frase nos mostra que *abhorret a(b)* denota algo como “move-se para longe de”. O raciocínio é semelhante ao que viemos desenvolvendo até aqui. Novamente, teremos um deslocamento no espaço (que, de fato, é uma metáfora espacial), no qual uma “região” R’, que contém, propriamente, a região R de *meis moribus* (“nossos costumes”), é o fundo e o ponto de partida do deslocamento da figura, *quod* (“o que”), nessa metáfora espacial. *Quod* estará, ao final da trajetória, no estado *afastado dos nossos costumes* — tendo esse estado como alvo da trajetória da figura. Contudo, uma diferença ocorre no seguinte ponto: há uma segunda raiz, anexada a v, que contribui com conteúdo enciclopédico extra para a descrição do deslocamento de *quod* nessa metáfora espacial. Essa raiz, que, em outros contextos, significa algo como ‘eriçar’, ‘eriçar-se’ (no sentido de que, ao tomar um susto, alguém se eriça), faz com que o verbo formado com a incorporação da preposição *ab* assumo o significado de *mover-se*, talvez com espanto, asco ou susto. Assumindo que há uma identificação entre o evento veiculado por v (que, por razões que já discutimos, será interpretado como um v_{GO} , na terminologia de Harley e de outros autores; cf. LIN, 2004) e o veiculado pela estrutura Path, temos a seguinte expressão dos significados estrutural e lexical envolvidos.

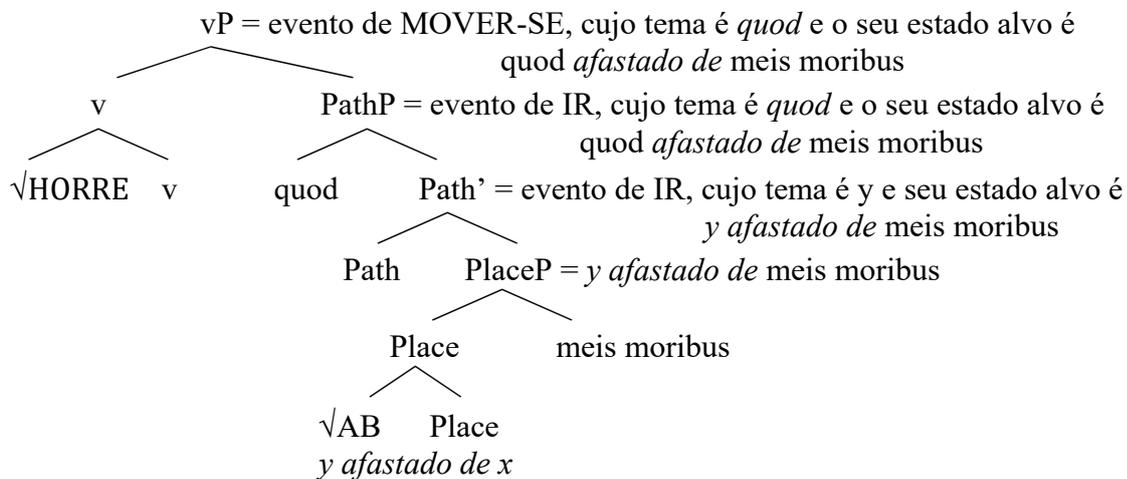


FIGURA 17: cálculo semântico da sentença *quod abhorret a meis moribus*

Como foi discutido anteriormente, a região “espacial” R definida por *meis moribus* estará propriamente contida numa região R’, que é maior mas aproximadamente igual a R (cf. nota 17); e a pressuposição que emerge da combinação de Path com Place+AB é a de que a figura (no exemplo, a eventual referência associada a *quod*) afasta-se da região R’ que contém o fundo (*meis moribus*). Uma vez que o complemento de Place é pronunciado, uma cópia da preposição

pode ocorrer adjacente a esse complemento, e assumiremos que, sendo adjacente ao complemento de Place, atribuirá a este seu caso morfológico típico, a saber, *ablativo*.

Não o desenvolveremos neste artigo, mas raciocínio semelhante pode ser aplicado à preposição *de* incorporada, que também denota afastamento da figura em relação ao fundo (ainda que com características um pouco diferentes do que vimos acima, como, por exemplo, uma especificação de que o fundo esteja acima de uma eventual posição final da figura) e pode ocorrer com predicados estativos (indicando que a figura está afastada do fundo, pressupondo que o fundo está acima da figura; o fato de essa preposição ocorrer com predicados estativos fica evidente por sua incorporação a verbo estativo, como a cópula *sum*)¹⁹.

Com relação a outra preposição com significado próximo, *ex*, acreditamos que, por falta de evidências de sua ocorrência incorporada a predicados estativos no *corpus*, ela seja um modificador de Path (ver figura 12), não de Place, como é o caso de *ab* (e *de*). Duas características, portanto, a distinguem de *ab*: (a) é modificadora de predicado dinâmico, no caso, Path; (b) introduz como pressuposição que a figura estava no interior da região do fundo no início da trajetória. Nos termos aqui desenvolvidos, isso quer dizer que não existe uma região R' com as propriedades discutidas acima (cf. nota 17); somente a região do fundo, que chamamos até aqui de R.

Sobre a preposição *ad* incorporada

Conforme vimos anteriormente, a preposição *ad* define que o alvo do movimento, quando este ocorre, seja uma região que contém propriamente o fundo. Essa região, como o era no caso da origem do deslocamento nas estruturas com *ab*, é aproximadamente igual à região delimitada pelo fundo (o complemento de Place): portanto, estruturas com interpretação locativa que envolvam a preposição *ad* são interpretadas como uma gama de relações espaciais possíveis entre figura e fundo (esta como alvo do movimento, quando é o caso). Essas relações podem ser *ao lado de*, *em frente de* etc. O raciocínio que se desenha aqui é análogo ao que desenvolvemos para a origem de deslocamentos envolvendo a preposição *ab*, com a diferença de que a região R', que contém propriamente a região do fundo, seja não a origem, mas o alvo da trajetória.

¹⁹ Um bom exemplo disso é a sentença *eam [...] in consulis corpore defigere* (AGUIAR, 2018: 141), que pode ser traduzida como *cravar isso no corpo do cônsul*: a respeito desse predicado, sabemos tanto que a figura, *eam*, está afastada do fundo, quanto que o fundo está posicionado algum lugar superior a ela.

Como nosso foco, neste trabalho, são expressões latinas que possuam preposições incorporadas a verbos, tratemos de um exemplo tirado do mesmo *corpus* com que estamos trabalhando.

- (18) [neque enim] tibi haec res adfert dolorem
 nem, com efeito 2.SG.DAT DEM-NOM.FEM.SG coisa-NOM.FEM.SG levar-3.SG.PRES
 dor-AC.MASC.SG

‘Nem, com efeito, este fato te traz dor’

[*Catil.*, I, 25]

(AGUIAR, 2018: 134)

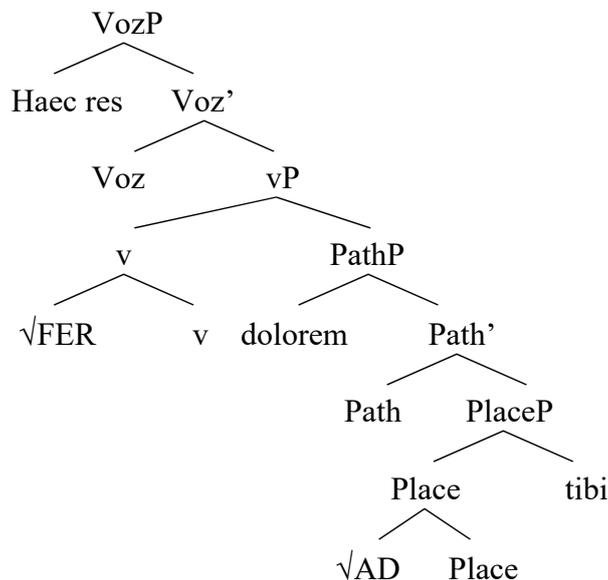


FIGURA 18: derivação da sentença *tibi haec res adfert dolorem*

A primeira pergunta que pode surgir é esta: por que há o caso morfológico dativo em *tibi*? Suponhamos que, quando houver três argumentos, veiculando as noções de atribuição ou transferência de posse (como ocorre em outras línguas, como o alemão), o argumento de Place recebe o caso dativo como *default*, desde que a preposição incorporada não tenha uma cópia realizada na posição original. Esse é o caso da expressão acima.

Nessa estrutura, qualquer que seja o evento *fer-*, ele causa um deslocamento metafórico de *dolorem* para *tibi*. Assim, o deslocamento da *dor* ao interlocutor se dá por meio de uma condução do sujeito *haec res*, que, por sua vez, é inserido por Voice, cujo evento se identifica

com o de v. Ou seja, o evento introduzido por v e especificado (modificado) por $\sqrt{\text{FER}}$ *causa* o deslocamento de *dolorem a tibi*. Podemos pensar que, aqui, a raiz introduz um significado que faz com que o v não seja interpretado como um verbalizador de mudança de estado/posição, mas um verbalizador de atividade (um v_{DO} na terminologia de Harley e de outros autores). Sendo assim, não há identificação possível entre os eventos introduzidos por Place e por v, e se estabelece a relação *default* (HALE; KEYSER, 2002; MARANTZ, 2006; MEDEIROS, a sair) de *causação* entre esses dois eventos.

O significado da raiz indica que o sujeito da sentença porta, consigo, o que se desloca em direção ao argumento dativo.

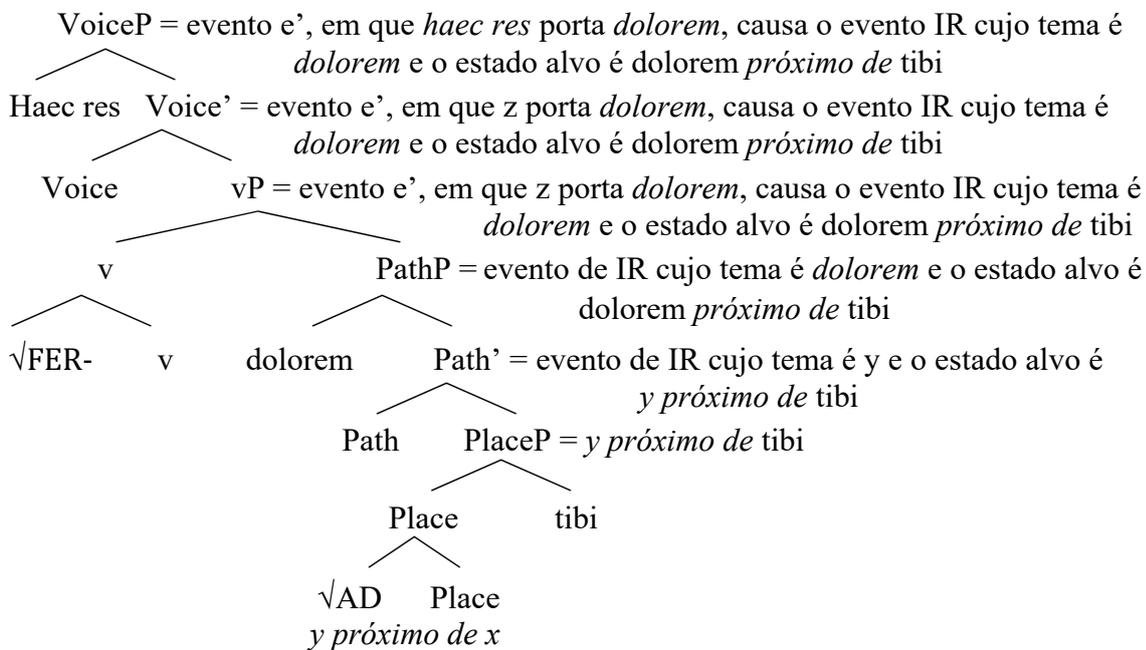


FIGURA 19: derivação da sentença *tibi haec res adfert dolorem*

No *corpus* escolhido para nossa análise, as ocorrências de *ad* incorporado envolvem somente a raiz *fer-*; por isso, não nos estenderemos mais sobre essa preposição.

Raciocínio semelhante pode ser aplicado à preposição *in* incorporada, com a diferença de que, nos casos de deslocamento no espaço (ou deslocamento metafórico, como vimos no exemplo acima), a figura termina incluída na região do fundo, R, não numa região R' que contém propriamente R, como ocorre nos casos de *ab* (como origem) e *ad* (como alvo).

Considerações finais

Mais do que apresentar alternativas a outras análises da literatura, tentamos, neste trabalho, apontar lacunas em tais análises e propor soluções coerentes. Especificamente, debruçamo-nos sobre as abordagens de Aguiar (2018) e de Acedo-Matellán (2016) e buscamos complementá-las. Nossa proposta consiste, basicamente, em assumir, juntamente com esses autores, que preposições funcionam como raízes, à maneira de Marantz (2007, 2012), e modificam adverbialmente os núcleos em que se alojam. Contrariamente a Aguiar (2018) e a Pantcheva (2011); e favoravelmente a Jackendoff (1983) e a Acedo-Matellán (2016), adotamos somente dois núcleos sintáticos na representação das expressões espaciais, Place e Path. Defendemos que uma eventualidade locativa principal compõe os predicados latinos, em cuja projeção são estabelecidas as relações de figura e de fundo vistas nesses predicados. Sobre as figuras, adotamos a premissa de que, pelo menos no estágio inicial da derivação, são constituintes da camada do predicado em que o verbalizador estabelece suas relações de complementação. Sobre os fundos, aventamos que será, sempre, o complemento mais baixo da estrutura, tomado diretamente por Place.

Em nossa codificação, três procedimentos chamam atenção. Em primeiro lugar, seguindo a indicação de Acedo-Matellán (2016) de tratar conjuntamente transições espaciais e outros tipos de transição, conjecturamos que o núcleo pode introduzir estados que serão interpretados como alvos do evento principal do predicado; com esse recurso, sustentamos que Place pode injetar nas estruturas uma função que converte eventos em estados. Em segundo lugar, exploramos a possibilidade de haver identificação de eventos introduzidos por núcleos sintáticos diferentes na composição semântica dos predicados: por exemplo, o evento introduzido pelo verbalizador será identificado, em alguns casos, ou com as funções de estado ou com as funções de deslocamento no espaço; admitindo que essa identificação de eventos acontece, demonstramos que essas funções podem receber uma modificação adverbial de raízes que se adjungem ao verbalizador, contribuindo com o conteúdo enciclopédico das expressões espaciais. Em terceiro lugar, aventamos que a participação de Place e de Path seja estável em todos os predicados; em consequência disso, não existirá, *a priori*, restrições a respeito de quais núcleos as raízes das preposições poderão modificar. Nesse sentido, as raízes das preposições poderão ser modificadoras do nó Place ou do nó Path (ou seja, não defendemos aqui que somente um dos nós da estrutura locativa, ou Path ou Place, seja o portador exclusivo do conteúdo da preposição).

Referências

- ACEDO-MATELLÁN, Víctor. *Morphosyntax of transitions: a study case in Latin and other languages*. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- AGUIAR, Maycon Silva. *Incorporação de preposições a raízes latinas e suas implicações para as estruturas de eventos*. 2018. 198 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.
- ARREGI, Karlos; NEVINS, Andrew. *Morphotactics: Basque Auxiliaries and the Structure of Spellout*. Dordrecht: Springer, 2012.
- BORER, Hagit. *Structuring Sense*. Oxford University Press, 2005.
- CHOMSKY, Noam. Beyond Explanatory Adequacy. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, vol. 20. Cambridge, MA: MITWPL, 2001.
- DEN DIKKEN, Marcel. On the functional structure of locative and directional PPs. In: CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. *The Cartography of Syntactic Structure*. Vol. 6. Nova Iorque: Oxford University Press, 2010.
- HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge/Massachusetts, London/England: The MIT Press, 2002.
- HALLE, Morris. Distributed Morphology: Impoverishment and Fission. *MIT Working Papers in Linguistics*, 30, p. 425-449, 1997.
- _____.; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. *The View From Building 20*, Cambridge: the MIT Press, 111-76, 1993.
- HARLEY, Heidi. Compounding in Distributed Morphology. In: LIEBER, Rochelle; ŠTEKAUER, Pavel. *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- _____. On the identity of roots. In: *Theoretical Linguistics*, v. 40, n. 3/4, 2014.
- _____.; NOYER, Rolf. State-of-the-article: Distributed Morphology. *Glott. International* 4.4, p. 3-9, 1999.
- HEIM, I.; KRATZER, A. *Semantics in generative grammar*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.
- JACKENDOFF, R. *Semantics and cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.
- KRATZER, Angelika. Severing the External Argument from its Verb. In: ROORYCK, J; ZARING, L. *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, p. 109-137, 1996.
- LIN, Jimmy. *Event Structure and the Encoding of Arguments: The Syntax of the Mandarin and English Verb Phrase*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of Philosophy and Linguistics, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2004.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS et al. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, vol. 4.2, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, p. 201-225. 1997.

_____. *Words*. Ms., 2001. Disponível em <<http://users.uoa.gr/~wlechner/Marantz%20words.pdf>>. Acessado em: 12 fev. 2016.

_____. *Argument Structure*. Ms., 2003. Disponível em <<http://web.mit.edu/marantz/Public/Tromsoe/ArgStrucTrom.pdf>>. Acessado em 12 fev. 2016.

_____. *Argument Structure and Morphology: Noun Phrases that Name Events*. Ms., 2006. Disponível em <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.507.9113&rep=rep1&type=pdf>>. Acessado em 12 fev. 2016.

_____. *Phases and words*. Ms., 2007. Disponível em <http://babel.ucsc.edu/~hank/mrg.readings/Phases_and_Words_Final.pdf>. Acesso em 21 abr. 2016.

_____. Restitutive re- and the first phase syntax/semantics of the VP. Ms., 2007. Disponível em <<http://web.mit.edu/marantz/Public/MorphBeer/RestitutiveRe.pdf>>. Acessado em 21 abr. 2016.

_____. Locality Domains for Contextual Allomorphy across the Interfaces. In: MATUSHANSKY, O.; MARANTZ, A. *Distributed Morphology Today*. Cambridge: MIT Press., 2013.

MATEU, Jaume. *Argument structure: relational construal at the syntax-semantics interface*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística), Universitat Autònoma de Barcelona, 2002.

MEDEIROS, A. B. Considerações sobre estrutura argumental. In: _____.; NEVINS, A. *O apelo das árvores: estudos em homenagem a Miriam Lemle*. São Paulo: Pontes, a sair. p. 231-298.

PANTCHEVA, Marina. *Decomposing path: The Nanosyntax of Directional Expressions*. 2008. 301 f. Tese (Doutorado em Linguística), Faculty of Humanities, Social Sciences and Education, University of Tromsø, 2011.

PARSONS, Terence. *Events in the Semantics of English: A Study in Subatomic Semantics*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1990.

SVENONIUS, Peter. Projections of P. In: ASBURY et al. (eds.). *Syntax and Semantics of Spatial P*. Amsterdam: John Benjamins, 63-84, 2008.

STARKE, M. *Nanosyntax: a short primer to a new approach to language*. Nordlyd, v. 36, n. 1: Special issue on Nanosyntax, 2009.

TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics: Concept Structuring Systems*, vol. I. Cambridge: MIT Press, 2000.

WOOD, J.; MARANTZ, A. The interpretation of external arguments. In: D'ALESSANDRO, R.; FRANCO, I.; GALLEGO, A. *The verbal domain*. Oxford: University Press: 2015.

ZWARTS, Joost. Aspect of a typology of direction. In: ROTHSTEIN, Susan. *Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspects*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 79-106, 2008.